

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

PARAGUASSU GONÇALVES ARENCE

***TEORIA, SEM MEDO E ONDINA:
SEUS ASPECTOS E CONFLITOS EM “MAYOMBE”***

**Jaguarão
2025**

PARAGUASSU GONÇALVES ARENCE

***TEORIA, SEM MEDO E ONDINA:
SEUS ASPECTOS E CONFLITOS EM “MAYOMBE”***

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras: Espanhol e Respectivas Literaturas da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo

**Jaguarão
2025**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

A681t Arence, Paraguassu Goncalves Arence
Teoria, Sem Medo e Ondina: seus aspectos e conflitos em
"Mayombe" / Paraguassu Goncalves Arence.
41 p.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Universidade
Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS/ESPAÑHOL E RESPECTIVAS
LITERATURAS, 2025.
"Orientação: Luiz Fernando da Rosa Marozo Marozo".
1. Mayombe. 2. Personagem. 3. Realidade. I. Título.

PARAGUASSU GONÇALVES ARENCE

**Teoria, Sem Medo e Ondina:
seus aspectos e conflitos em “Mayombe”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras Português e
Espanhol da Universidade Federal
do Pampa, como requisito parcial
para obtenção do Título de
Licenciatura em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09, julho de 2025

Banca examinadora:



Prof. Dr. Luís Fernando da Rosa Marozo
Orientador
Unipampa



Prof. Drª. Geice Peres Nunes
Unipampa



Prof. Ms. Lurian da Silveira Chaves
IFSul - Jaguarão

Dedico esse trabalho a todos que me ajudaram ao longo dessa caminhada. A minha família que me fortaleceu e apoiou ao longo dessa jornada acadêmica. A minha esposa Maria Túlia Mendes Arence, que sempre me incentivou a nunca desistir.

AGRADECIMENTO

A Deus, pois, sem Ele não teria forças para continuar essa caminhada.

À minha família, que sempre me incentivou a seguir em frente na vida acadêmica.

À Universidade Federal do Pampa que me deu o embasamento teórico tão necessário à minha formação profissional.

Aos professores, funcionários, colegas que compartilharam comigo de minha vida escolar.

Ao meu orientador professor Luís Fernando da Rosa Marozo que sempre me auxiliou nos momentos mais difíceis da jornada acadêmica.

A minha esposa que sem ela não teria chegado até aqui.

“A imensidão do mar que nada pode modificar ensinou-me a paciência. O mar une, o mar estreita, o mar liga. Nós também temos o nosso mar interior, que não é o Kuanza, nem o Loje, nem o Kunene”.

Pepetela

RESUMO

Este trabalho procura analisar o livro *Mayombe*, do escritor Pepetela, que abarca o período anterior à luta pela independência de Angola. O foco dar-se-á em relação às personagens Teoria, Sem Medo e Ondina com seus aspectos e conflitos. A partir de teóricos como António Cândido, Beth Brait e Anatol Rosenfeld, serão observadas a personagem enquanto um elemento composicional da narrativa, mas que produz efeitos na realidade. Desta maneira, Teoria representa a independência de Angola porque é um personagem que transcende as diferenças tribais; Sem Medo simboliza a coragem e a justiça, na medida em que é apresentado como Ogum; e Ondina, a representação de Angola, porque é apresentada como um objeto de desejo no ambiente de guerra, ou seja, a nação que está sendo disputada com os Tugus, mas que é desejada pelas diferentes tribos. Estes três personagens apresentam os conflitos e os diferentes pensamentos ideológicos entre tribos. Fica evidente que no momento da narrativa as diferenças apenas foram suspensas por uma bem maior, qual seja, a independência de Angola. Neste sentido, as personagens apresentam neste romance as diferenças que resultarão posteriormente na guerra civil.

Palavras-Chave: *Mayombe*; Personagem; Realidade

RESUMEN

Este trabajo analiza el libro *Mayombe*, de la escritora Pepetela, que abarca el período anterior a la lucha por la independencia de Angola. Se centrará en los personajes Teoria, Sem Medo y Ondina, junto con sus aspectos y conflictos. Basándose en teóricos como António Cândido, Beth Brait y Anatol Rosenfeld, se observará al personaje como un elemento compositivo de la narrativa, pero que produce efectos en la vida real. Así, Teoria representa la independencia de Angola porque es un personaje que trasciende las diferencias tribales; Sem Medo simboliza el coraje y la justicia, al ser presentado como Ogum; y Ondina, la representación de Angola, porque se presenta como un objeto de deseo en un contexto de guerra; es decir, la nación se disputa con los portugueses, pero es deseada por las diferentes tribus. Estos tres personajes representan los conflictos y las diferentes ideologías entre las tribus. Es evidente que, en el momento de la narración, las diferencias solo se vieron en suspenso por una mayor: la independencia de Angola. En este sentido, los personajes de esta novela presentan las diferencias que posteriormente desembocarán en la guerra civil.

Palabras clave: *Mayombe*; Personaje; Realidad.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 PERSONAGEM	14
2.1 O espaço da Personagem e sua relação com a realidade	17
2.2 O conhecimento da personagem e ampliação reflexiva	21
3 PERSONAGENS DO LIVRO <i>MAYOMBE</i>.....	26
3.1 A agonia de Teoria: representação da Angola independente	26
3.2 A resistência de Sem Medo: a representação da luta	31
3.3 A desejada Ondina: representação de Angola	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Mayombe é uma densa floresta tropical em uma região da África, sendo a segunda maior do mundo, e abrange três países africanos: Angola, República do Congo e Gabão. Estende-se desde o Rio Congo, ao sul, até o rio Kouilou-Niari pelo Norte. A parte angolana é a maior de todas, abrange cerca de 36.000 km² e é conhecida por sua rica biodiversidade, abrigando uma variedade de espécies de plantas e animais.

Esta floresta serve de cenário para romance de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos, conhecido pelo pseudônimo de Pepetela (Benguela, 29 de outubro de 1941). Entre as árvores gigantes e o terreno acidentado, guerrilheiros reúnem-se em sua base, no período anterior à independência (que dar-se-ia em 1975), para uma luta que transcende interesses particulares de tribos e de clãs, pois lutam pela independência de Angola de Portugal.

A floresta oferece uma base aos guerrilheiros, comida, proteção, isso depois de os guerrilheiros vencerem os desafios de uma mata, tornando-a parte de sua história, E os homens tornaram-se verdes, e dos seus braços folhas brotaram, e flores, e a mata curvou-se em abóbada, e a mata estendeu-lhes a sombra protetora, e os frutos (Pepetela, 2018, p. 68).

A floresta acolhe os guerrilheiros da luta pela independência, que formarão pós a independência os três partidos de Angola: Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA), Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA) e União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA). As inúmeras diferenças são suspensas e os guerrilheiros uniram-se para a conquista da independência de Angola. Neste sentido, o romance *Mayombe* nos coloca no centro do conflito, ao lado dos guerrilheiros que se escondem sob a copa das árvores. A narrativa nos mostra as dificuldades da guerra, a luta pela libertação e as complexidades do próprio movimento de independência. Ao longo do caminho, conheceremos os desafios enfrentados pelos combatentes, desde a escassez de recursos até as divergências internas.

Apesar de tratar do período anterior à independência (1975), o romance foi publicado em 1980. Para ser mais específico, a narrativa dá-se nos anos finais de 1960 e início de 1970, quando o escritor pertencia ao MPLA. Assim quando o autor começou a escrever, sua intenção era registrar a experiência de guerra, mas com o

passar do tempo, nos intervalos das batalhas e nos descansos, resolve transformar suas experiências e reflexões em romance.

Neste período, bem distante daquela floresta, mais especificamente em 08 de novembro de 1968, eu nascia na cidade de Porto Alegre. Minha história e a da luta pela independência de Angola são constituídos por duas vertentes que se encontram 50 anos depois e resultam no Trabalho de Conclusão do Curso de Letras.

Se em Angola havia povos que estavam sob o jugo da ditadura salazarista; no Brasil eu nascia no período em que os militares assumiram o governo do país através de um golpe militar. Cresci em um lar muito pobre e em uma família na qual a maioria dos seus membros não tiveram a oportunidade de frequentar a escola. Entretanto, minha vó materna, apesar de não ser alfabetizada, sempre me incentivou a estudar. Minha mãe morreu quando eu entrei na escola aos sete anos. Cursei os primeiros quatro primeiros anos na Escola Estadual de Ensino Fundamental Clotilde Cachapuz de Medeiros. Muitas vezes fui à aula com fome e recebi a ajuda da diretora que me auxiliou nessa fase. Ao completar dez anos, tive que sair da escola para trabalhar.

Naquela época, sob a ditadura, havia muita pobreza e pouco incentivo para estudar. O pobre tinha que escolher frequentar o colégio e passar fome ou trabalhar para sobreviver e o trabalho infantil era permitido e as crianças precisavam ajudar no sustento da família.

Em 1986, aos dezoito anos, ingressei no Exército Brasileiro. Era final da ditadura militar e início da democracia. Foram anos difíceis, pois como militar tinha que defender o que não acreditava e fazer aquilo que me mandavam. Sonhava, como os guerreiros de *Mayombe*, com um país livre da tirania de um governo militar. Em 1988, quando foi promulgada a nova Constituição, lembro da esperança de nascer um país mais livre e justo. Acredito que este sentimento é o que marca o romance de Pepetela, ou seja, a esperança de viver em um país livre e justo.

Em 1989, vim para Jaguarão com o exército, o Décimo Segundo Regimento de Cavalaria Mecanizada, que foi transferido para esta cidade. Ao chegar aqui, saí do exército e comecei a trabalhar no comércio. Conheci minha esposa que me incentivou a estudar e com 23 anos consegui completar o ensino fundamental na Escola Estadual de Ensino Médio Hermes Pintos Afonso. Em 1999, iniciei o Ensino

Médio no Instituto Educacional Espírito Santo. Nesta época, trabalhava de dia e estudava à noite. Consegui concluir o ensino médio em dois anos. Tive uma longa pausa e só voltei aos estudos para incentivar meus filhos a cursarem uma universidade. Isso ocorreu no ano de 2013 quando fiz o ENEM e entrei na Universidade Federal do Pampa. O percurso até aqui não foi fácil, mas depois de greves, pandemia, dificuldades pessoais cheguei aqui, na etapa final do curso.

Interessei-me pela literatura africana, porque esta disciplina trata da identidade e da literatura de um continente que guarda uma perspectiva que se liga à minha trajetória de vida e a cor de minha pele. Ao ter contato com a literatura Africana de Língua Portuguesa sob a docência do professor Dr. Luís Marozo, tive contato com escritores contemporâneos de países africanos que através de sua arte buscavam refletir sobre a realidade complexa de seus países. Através de contos e poemas de diversos autores (José Luís Tavares, de Cabo Verde; Amílcar Cabral, de Guiné Bissau; Sacramento Neto, de São Tomé e Príncipe; José Caveirinha e Mia Couto, de Moçambique e Pepetela, de Angola) entendi a função que a literatura exerce como construtora do imaginário, sua relação com a história para a formação de cada sociedade e nas inter-relações entre as identidades portuguesa, brasileira e africana. Naquele semestre conheci a luta do povo africano por sua independência, pela construção de suas identidades e pude me identificar com lutas e desejos de meus ancestrais que se assemelham a nós afro-brasileiros.

Foi nesse contexto que entrei em contato com o livro *Mayombe*, o qual retrata o cotidiano dos guerrilheiros do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) contra as tropas portuguesas. A narrativa trata não somente das ações, mas dos sentimentos, das reflexões, dos anseios, dos conflitos dos membros do Movimento Popular, de suas organizações e das relações que fundaram a independência de Angola e construíram, assim, a identidade daquele povo.

É pela identificação com a luta por direitos e pela construção das identidades que resolvi me debruçar sobre três personagens do romance: *Teoria*, *Sem Medo* e *Ondina*. Nesse sentido, estruturei o Trabalho de Conclusão em duas partes: o capítulo 1, em que trato de aspectos sobre a teoria da personagem e o capítulo 2, em que analiso o trio que são fundamentais para a composição de *Mayombe*.

2 PERSONAGEM

Mayombe é narrado por diversas vozes. Algumas assumem a dupla função de contar e atuar. Neste sentido, alguns personagens não estão apenas no plano do enunciado, mas direcionam o fluxo narrativo. A “Personagem”, enquanto categoria da narrativa, não é algo simples como parece para um leitor comum. Teóricos como Anatol Rosenfeld, Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, Beth Brait contribuíram para apresentar a complexidade deste elemento que junto com “Tempo”, “Espaço”, “Narrador” e “Enredo” formam a narrativa. Além disso, os estudiosos também esclarecem o papel da personagem para caracterizar a literatura.

Anatol Rosenfeld (2011), por exemplo, define a literatura pelo seu caráter ficcional/imaginário e pelo sentido estético. O distanciamento com a realidade (caráter ficcional) não pode ser o único elemento definidor da literatura, porque a dimensão estética é fundamental. Romances “triviais”, para Rosenfeld podem ser menos literários do que obras como os *Sermões*, de Viera e *As cartas*, de Mariana de Alconforado que possuem uma aproximação com a realidade, mas contém características estéticas. Neste sentido, o elemento estético é um fator importante para que um texto ganhe o estatuto de literário. Assim, Rosenfeld (2011) defende que a personagem de ficção não é um mero reflexo da realidade, mas sim um constructo artístico, moldado pela imaginação do escritor. Ela é o resultado de um processo criativo que envolve a seleção e organização de elementos da realidade, de forma a produzir um efeito estético e significante. A personagem não existe isoladamente, mas em relação aos outros elementos da narrativa. Entretanto, Rosenfeld explica a sua importância ao dizer que “[é] porém a personagem que com mais nitidez torna patente a ficção, e através dela a camada imaginária se adensa e se cristaliza” (Rosenfeld, 2011, p. 21).

Brait (2006), por sua vez, trata a personagem, desmistificando termos técnicos e lançando luz sobre as diversas definições e abordagens que permeiam o estudo sobre este importante elemento da narrativa. Através de exemplos concretos da literatura universal, a autora concorda com Rosenfeld quando afirma que as personagens transcendem a mera imitação da realidade, tornando-se elementos essenciais para a construção de sentido e emoção nas obras ficcionais. Reis e Lopes (2007) seguem o mesmo caminho quando em seu dicionário definem que a personagem. Segundo os autores, é

uma Entidade ficcional: Um ser construído pela imaginação do autor, habitante de um mundo ficcional. Pode ser humano, animal, objeto ou até mesmo ideia abstrata. Atua e interage com outros elementos da narrativa, impulsionando o desenvolvimento da história (Reis; Lopes, 2007, p.248).

O Caráter ficcional é fundamental para se entender uma obra literária. Uma coisa é a pessoa e outra bem diferente é a personagem. A “Pessoa” refere-se a um ser real, a alguém que existe no mundo concreto, que possui uma história de vida única e uma identidade própria. A pessoa é um ser complexo, com múltiplas facetas e contradições que possui autonomia, pois age por sua própria vontade e é responsável por suas escolhas. A “Personagem”, por sua vez, é uma construção imaginária, um produto da mente do autor, possui uma função narrativa, serve como um veículo para contar a história, explorar temas e transmitir ideias. Ao contrário da “Pessoa”, a “Personagem” é reduzida às características e ações que são relevantes para a narrativa. Assim, a personagem é construída de forma intencional pelo autor, com o objetivo de produzir um determinado efeito no leitor.

Segundo Brait (2006) as personagens vivem em um universo ficcional, sendo construções linguísticas, moldadas por palavras e ações dentro da narrativa, servindo, impulsionando a trama e transmitindo mensagens. São limitadas pelo universo ficcional e pela visão do autor, podendo se desenvolver ao longo da narrativa, mas sua essência permanece definida pelo autor. Dessa forma Brait conceitua “Personagem” como um

ente composto pelo poeta a partir de uma seleção do que a realidade lhe oferece, cuja natureza e unidade só podem ser conseguidas a partir dos recursos utilizados para a criação (Brait, 2006, p. 31).

Brait (2006) explica que as pessoas são seres complexos, com pensamentos, sentimentos e experiências próprias. Possuem seus próprios objetivos e motivações na vida. Tendo livre arbítrio para tomarem suas próprias decisões, estando em constante mudança e evolução ao longo da vida. Esta distinção é fundamental para a análise literária, pois ao identificar os seres que habitam a narrativa como distintos dos sujeitos de “carne e osso”, a autora mostra que as características específicas de cada personagem e sua função estão restritas dentro da narrativa. Ao entender essa diferença, o leitor pode apreciar a ficção em sua própria dimensão, sem confundir a personagem com uma pessoa real. Ao compreender essa distinção, podemos apreciar a ficção em sua riqueza e

complexidade, reconhecendo a habilidade do autor em criar seres imaginários que nos emocionam e nos fazem refletir sobre a condição humana.

Apesar do consenso do carácter ficcional da personagem e de sua importância na relação com os outros elementos da narrativa, os teóricos apontam aspectos particulares. Anatol Rosenfeld (2011) olha a personagem como um elemento central na construção da narrativa. Para este autor a personagem é uma ferramenta poderosa nas mãos do escritor, pois é através dela capaz de evocar emoções, transmitir ideias e criar mundos imaginários. Além disso, o leitor consegue através dela entender a construção cultural e social, que reflete os valores e as ideias de uma determinada época e/ou de um determinado lugar.

Rosenfeld (2011), Brait (2006), Reis e Lopes (2007), Cândido (2011) se debruçaram sobre a Personagem para estudá-la e colaboraram para um entendimento mais acurado sobre sua natureza, função e importância. Rosenfeld, por exemplo, aponta três problemas inter-relacionados para o aprofundamento do olhar em relação a estes seres. O primeiro é o problema ôntico que diz respeito à natureza da existência da personagem. Como um ser fictício, a personagem não possui uma existência material, mas sim uma existência dentro do universo da obra e, por isso, está sujeito às relações com os outros elementos (tempo/espço/narrador e enredo). O segundo problema é o epistemológico que aborda a questão sobre como podemos conhecer algo que não temos acesso direto, mas sim à sua representação linguística, ao discurso do narrador. O terceiro é o lógico que está relacionado com a questão da verdade. Por não ter uma relação direta com a realidade, a personagem não precisa possuir traços “verdadeiros”, mas deve ser verossímil, ou seja, coerente com o universo ficcional criado pelo autor.

Estes três problemas serão desenvolvidos nos dois subcapítulos seguintes.

2.1 O espaço da Personagem e sua relação com a realidade

Rosenfeld (2011) apresenta o primeiro problema fundamental da existência da personagem literária, qual seja, a natureza da realidade que a personagem habita. Este espaço, que é ficcional, possibilita a existência de seres autônomos ou são apenas construção imaginária do autor e do leitor? Para desenvolver seu pensamento, o teórico parte de três pressupostos: propõe que a personagem não existe no mundo real (ela é um ente ficcional, uma criação da mente humana, e não possui existência material); propõe que a personagem existe dentro do universo da obra (ela tem uma realidade própria dentro do mundo imaginário construído pelo autor, interagindo com outros personagens e objetos dentro desse universo); presume que a personagem é uma construção intersubjetiva (sua existência depende tanto do autor, que a cria, quanto do leitor, que a interpreta e dá vida em sua mente). A partir destas premissas revela a importância do problema ontológico demonstrando a relação entre ficção e realidade.

Ao analisar a natureza da personagem, Rosenfeld busca estabelecer uma clara distinção entre a realidade empírica e a realidade ficcional. A natureza da experiência literária estabelece a relação entre estas duas realidades porque a existência da personagem impacta diretamente na forma como o leitor se relaciona com a obra, influenciando a imersão e a identificação com os personagens. Neste sentido, o leitor (realidade empírica) participa da construção do significado da personagem (realidade ficcional). Não há dúvidas que no âmbito da obra há a importância do contexto histórico. Isso implica que a compreensão da personagem exige a consideração do contexto histórico, social e cultural em que a obra foi produzida. Além disso, as convenções literárias de cada época, que moldam a forma como as personagens são representadas, são importantes para o sentido do universo ficcional. Já no âmbito da recepção, a subjetividade da interpretação está muito influenciada pela realidade de cada leitor em sua determinada época. Isso ocorre porque a leitura da obra literária é um processo subjetivo, no qual o leitor estabelece uma relação pessoal com a personagem. Tanto o leitor individual, como o leitor de uma época constrói interpretações da personagem e da obra a partir de suas realidades.

Por isso, apesar do espaço ficcional possuir uma natureza distinta do espaço empírico, isso não quer dizer que não haja relação entre eles. Rosenfeld identifica

três modelos de personagens que representam da realidade concreta. Um seria as personagens “Tipo” (que representam traços característicos de um grupo, uma profissão, uma nacionalidade como por exemplo, o *Gaúcho*). Outro são as personagens que ganham notoriedade e passam a caracterizar comportamentos e hábitos que identificam pessoas, um exemplo é *Emma Bovary*, que representa o leitor romântico ou pessoas que não conseguem separar a realidade do mundo ficcional. O terceiro são as personagens simbólicas que representam ideias ou conceitos, como por exemplo as personagens míticas *Atenas*, *Afrodite*, símbolos da justiça e da beleza. Neste sentido, embora a personagem seja uma criação ficcional, ela pode nos revelar aspectos profundos da realidade humana. Através dela, o escritor pode explorar temas universais como o amor, a morte, a busca pela felicidade.

A partir dessas relações, a personagem tem aspectos específicos dentro do espaço onde “existe”. Brait (2006), por exemplo, explora os aspectos que contribuem para a formação da personagem que passa desde a escolha do nome, da descrição física até a construção da psique e do discurso. A autora destaca a importância da coerência interna da personagem, considerando suas ações, pensamentos e motivações como peças fundamentais para a criação de um ser fictício incrível e envolvente.

O problema da personagem é antes de tudo, um problema linguístico, pois a personagem não existe fora das palavras; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção (Brait, 2006, p.11).

Reis e Lopes (2007) explicam que para dar vida a um personagem, o autor se utiliza de diversas ferramentas literárias. Através da descaracterização, ele constrói a aparência física, os gestos, a maneira de falar e se vestir do personagem, criando uma imagem vívida em nossa mente. A personalidade, por sua vez, revela os traços psicológicos do personagem, seus valores, crenças, medos e desejos. A personagem é um elemento fundamental na construção do significado da obra literária, mas sua construção é resultado também da interpretação, ou seja, a compreensão de sua natureza contribui para uma análise mais profunda do texto, porque se o leitor comum não entender a distinção entre as duas realidades, pode estabelecer sentidos equivocados.

Em relação à “vivência” da personagem dentro do espaço ficcional, é preciso entender que ela não atua isoladamente, pois dentro deste universo, como afirma Reis e Lopes, “a personagem é sujeita a procedimentos de estruturação que determinam a sua funcionalidade e peso específico na economia do relato” (Reis; Lopes, 2007, p. 316). Esta estrutura apresenta dois níveis: o enunciado e a enunciação.

No âmbito do enunciado, nível em que a personagem atua dentro de um tempo e de um espaço, a centralidade é sua. Por isso, segundo Rosenfeld, a personagem é o núcleo em torno do qual se organiza toda a narrativa. É através dela que o narrador revela o mundo da história, seus conflitos e seus significados. Brait (2006) explica que as personagens possuem funções como agente da ação: “cada momento da ação representa uma situação conflitual em que as personagens se perseguem, aliam-se ou defrontam-se” (Brait, 2006, p. 49).

Teóricos como Souriau e Propp (2011) dividem o agente de ação em seis categorias: **Condutor** da ação quando o personagem dá o primeiro impulso a ação. Este impulso nasce de um desejo, de uma necessidade ou de uma carência; **Oponente** seria aquele que possibilita a existência do conflito, ou seja, a força antagonista que tenta impedir a força temática de se deslocar; **Objeto desejado** seria a força de atração, fim visado, objeto de carência, ou seja, o elemento que representa o valor a ser atingido; **Destinatário** seria o personagem beneficiário da ação, aquele que obtém o objeto desejado e que não é necessariamente o condutor da ação; **Adjuvante** age com um personagem auxiliar, pois ajuda ou impulsiona uma das outras forças; **Árbitro** é o personagem juiz que interfere em uma situação conflitual, a fim de resolvê-la.

Reis e Lopes (2007), por sua vez, reduzem a quatro funções específicas na narrativa. O **protagonista** é o herói da história, aquele que enfrenta os desafios e busca alcançar seus objetivos; O **antagonista** é o opositor do protagonista, aquele que cria obstáculos e tenta impedi-lo de alcançar seus objetivos; Os **coadjuvantes** são personagens secundários, que auxiliam o protagonista ou antagonista em sua jornada e os **figurantes** são personagens que aparecem brevemente na história, sem grande impacto no enredo.

No espaço ficcional, além do nível do enunciado, há o nível da enunciação na qual o centro não é mais a personagem, mas o narrador. Entretanto, os elementos

não estão isolados, há a interação entre elementos. “Narrador” e “Enredo”, que fazem parte deste nível, estão interligados e se influenciam mutuamente com “Personagem”, “Tempo”, “Espaço”. Brait (2006), por exemplo, aponta que a construção da personagem dar-se-á com o “narrador que pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, como uma câmara, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos narrados” (Brait, 2006, p. 53). Dependendo da postura do narrador, a narração criará características às personagens. O narrador câmara, por exemplo, usa a linguagem literária na terceira pessoa, não envolvido na história, age como uma câmara, “o fato da narrativa ser conduzida em terceira pessoa não implica necessariamente personagens mal ou bem construídas” (Brait, 2006, p. 55). Assim o narrador consegue de fora da história conquistar uma credibilidade do leitor. Como explica a pesquisadora

o narrador em terceira pessoa simula um registro contínuo, focalizando a personagem nos momentos precisos que interessam ao andamento da história e à materialização dos seres que a vivem (Brait, 2006, p. 56).

O narrador pode transformar a câmara em personagem e conduzir a narração através do olhar de quem atua que é a condição de quem está envolvida na própria história narrada.

Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão a impressão de vida chegam diretamente ao leitor através de uma personagem (Brait, 2006, p. 60).

Em certas narrativas “a personagem apresenta a si mesma na narração que pode ser um romance, um monólogo ou um diário. Esta técnica possibilita a apreensão da interioridade da personagem, de forma a expor a maneira como a consciência que percebe o mundo”. (Brait, 2006, p. 63).

Em relação ao “Enredo”, também pertencente ao nível da enunciação, a personagem pode demonstrar diferentes evoluções. Reis e Lopes (2007) explicam que os personagens podem ser redondos ou planos na medida em que são apresentados ao leitor. Os redondos são complexos, multifacetados e em constante evolução, enquanto os planos são mais simples, com características e motivações definidas.

A distinção personagem plana/personagem redonda envolve alguns riscos, se for encarada de forma rígida. Num universo diegético não verifica forçosamente essa repartição esquemática, observando-se por vezes que certas personagens oscilam entre a condição da personagem plana e a da redonda (Reis; Lopes, 2007, p. 322).

Neste sentido, o primeiro problema fundamental da existência da personagem literária que resultou na questão foi: Este espaço, que é ficcional, possibilita a existência de seres autônomos ou são apenas construção imaginária do autor e do leitor? Tal questão suscita a seguinte resposta: *Teoria, Sem Medo e Ondina* não são seres autônomos dentro de *Mayombe*, pois estão condicionados à imaginação do autor, ao discurso do narrador e a minha leitura, ou seja, suas existências têm início através da construção imaginária do autor, mas ganha vida e sentidos com os leitores.

2.2 O conhecimento da personagem e ampliação reflexiva

O segundo problema apresentado por Rosenfeld é o epistemológico que consiste na questão do grau de conhecimento que nós leitores podemos adquirir sobre a personagem e sobre o mundo ficcional que ela habita. Rosenfeld (2011) questiona como podemos saber algo sobre uma entidade que existe apenas na imaginação? A partir desta questão reflete sobre os limites do conhecimento quando lidamos com a ficção. Se a personagem não existe no mundo real, como podemos ter certeza de qualquer afirmação sobre ela?

A epistemologia, ramo da filosofia que se dedica ao estudo do conhecimento, busca justamente responder a essas perguntas. O conhecimento que adquirimos sobre a personagem é diferente do conhecimento que temos sobre uma pessoa real. Ele é mediado pelo texto, pela interpretação do leitor e pela imaginação do autor. A construção intersubjetiva do significado da personagem é construída de forma conjunta pelo autor e pelo leitor. Cada um traz suas próprias experiências e expectativas para a leitura, o que resulta em múltiplas interpretações.

Na ficção, a objetividade é relativa. Não existe um único ponto de vista correto sobre a personagem, e a “verdade” é sempre parcial e contextualizada. Neste sentido, Rosenfeld (2011) explora novamente a fronteira entre o mundo ficcional e o mundo real, agora questionando como a ficção pode nos ajudar a compreender a realidade e a nós mesmos. O autor quando produz sua obra apresenta a

personagem a partir de suas experiências imaginárias de vida e de leituras. O leitor, por sua vez, identifica-se com a personagem, projeta seus próprios desejos e medos nela, e constrói sua interpretação. Rosenfeld, porém, apresenta a personagem de ficção na sua relação com diferentes gêneros, tanto os literários, como aqueles do teatro e do cinema. Neste sentido, Rosenfeld destaca que a personagem, embora seja uma criação imaginativa, possui características e funções específicas em cada uma dessas manifestações artísticas. Além disso, o tipo de recepção é fundamental para o sentido da experiência estética.

No teatro, a personagem é interpretada por um ator, que dá vida à criação literária através de sua voz, gestos e corpo. A interação com o público e o espaço cênico são elementos fundamentais na construção da personagem teatral. O leitor/espectador tem acesso direto à ação das personagens, as suas vestimentas, às interpretações dos atores. No cinema, a personagem é representada também por um ator, mas que o leitor/espectador não tem acesso direto, mas através das imagens, enquadramentos e do som. A linguagem cinematográfica permite a criação de personagens complexas e multidimensionais, explorando recursos como close-ups, planos-sequência e montagens. Na literatura, a personagem é descrita por um narrador. O leitor não tem acesso à atuação de alguém, mas apenas à sua imaginação.

Apesar das diferenças entre os gêneros, que produz diferentes formas de recepção do ser ficcional, no âmbito epistemológico existem elementos comuns na sua construção, a ação, por exemplo. Independente do gênero, a personagem se revela através de suas ações, que são motivadas por seus desejos, medos e conflitos internos. Outro elemento é o diálogo que serve de instrumento fundamental para a caracterização da personagem, revelando seus pensamentos, sentimentos e relações com outros personagens. Na literatura a descrição física da personagem contribui para a construção de sua identidade e para a criação de uma imagem mental no leitor. No teatro e cinema, o espectador lê este traço nos atores e nas suas vestimentas, mas independentemente de ser descrita ou vista, a constituição física é um traço comum no sentido final da personagem. O Ponto de vista também é um traço comum, embora seja o diretor o responsável no teatro e no cinema, enquanto na literatura seja o narrador, a perspectiva narrativa adotada influencia a forma como o leitor ou espectador percebe a personagem.

Outro aspecto da personagem que é comum aos diferentes gêneros está ligado ao fato de que através de sua recepção nos emocionamos, refletimos e espelhamos nossos desejos e frustrações, ou seja, através dos seres imaginados podemos ampliar nosso conhecimento de mundo e de nós mesmos. Neste sentido, a beleza da literatura reside na sua capacidade de criar mundos imaginários, de despertar emoções e de nos fazer refletir sobre a condição humana.

A “Personagem” é, antes de tudo, um produto da linguagem. Ela não existe de forma autônoma, mas é criada e moldada pelas palavras do autor. Através da linguagem, a personagem ganha vida, características e um papel específico dentro da narrativa. Candido (2011), que dedica especial atenção à evolução das personagens ao longo da narrativa, demonstra como, através das experiências vividas e dos desafios enfrentados, as personagens podem sofrer transformações profundas em sua personalidade, visão de mundo e valores. Essa mutabilidade, segundo o autor, é um dos elementos que conferem às personagens ficcionais sua riqueza e verossimilhança. Segundo Candido,

há afinidades e diferenças essenciais entre os seres vivos e os entes de ficção, e que as diferenças são tão importantes quanto as afinidades para criar o sentimento de verdade, que é a verossimilhança (Candido, 2011, p. 55).

No âmbito da lógica, as personagens não existem, são seres de linguagem, mas não há como negar que as personagens são seres que, ao existirem no mundo ficcional, produzem efeitos no mundo empírico. Reis e Lopes (2007) explicam que as ações do personagem, sejam elas grandiosas ou banais, nos permitem compreender suas motivações, seus objetivos e como ele interage com o mundo ao seu redor. O discurso, seja ele direto ou indireto, nos dá acesso aos pensamentos e sentimentos do personagem, revelando sua visão de mundo e suas relações com os outros. “A voz das personagens é frequentemente veiculada através destes dois tipos de discurso direto e indireto” (Reis; Lopes, 2007, p. 319), mas a vida de um personagem não se limita às páginas do livro. Através da análise intertextual, podemos relacioná-lo a outros personagens de diferentes obras, épocas e culturas, expandindo ainda mais sua riqueza e significado.

Rosenfeld (2011), por sua vez, fica mais restrito ao sentido estritamente textual e apresenta as seguintes características. 1. o fato de serem **Seres intencionais**, isto é, apesar de as personagens não serem reais, elas são

construídas pelo autor a partir de experiências, vivências. O escritor retira do mundo um conjunto de elementos para a construção destes seres e procura uma coerência interna para situá-los, ou seja, há uma intencionalidade; 2. o fato de serem **Sem referência com a realidade**, isto é, as personagens são representações artísticas, mas não são construídas do nada. O escritor retira traços de uma ou várias pessoas reais ou de outros personagens para sua criação. As personagens não são cópias exatas, mas sim representações artísticas de uma realidade; 3. o fato de possuírem **O papel ativo na narrativa**, isto é, as personagens são agentes que agem e reagem dentro do universo ficcional, impulsionando a trama. Apesar de que o mundo ficcional tenha uma lógica interna, as ações das personagens representam atitudes éticas e morais que são passíveis de relação com o mundo empírico; 4. o fato de serem **Objetos de estudo**, isto é, a personagem é um elemento fundamental para a análise literária, permitindo ao leitor compreender a obra de forma mais profunda, mas esta compreensão não é um mero exercício estéril, pois serve como uma maneira de entender o mundo e de nos entendermos no mundo.

Candido (2011) ressalta o papel crucial que as personagens desempenham na estrutura e no significado da obra literária. Ele argumenta que as personagens são os eixos centrais em torno dos quais se desenvolve a ação, impulsionando o enredo e guiando o leitor por entre os meandros da narrativa. Mais do que simples instrumentos para o desenvolvimento da história, as personagens também servem como veículos para a transmissão de ideias, valores e mensagens.

Se as coisas impossíveis podem ter mais efeito de veracidade que o material bruto da observação ou do testemunho é porque a personagem é, basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade (Candido, 2011, p.78).

Através de suas ações, pensamentos e diálogos, as personagens podem refletir sobre questões sociais, políticas, filosóficas e existenciais, convidando o leitor a questionar o mundo ao seu redor e a formular suas próprias reflexões. Neste aspecto da personagem como objeto de estudo, Rosenfeld aprofunda qual é o papel que estes entes desempenham na literatura. A personagem “cria empatia”, pois permite ao leitor se identificar com as personagens e se conectar com a história. Além disso, “impulsiona a trama”, pois são as ações e decisões das personagens que movem a narrativa. Por último, mas não menos importante, são elas que

“revelam os temas e as ideias”. Através das personagens podemos refletir sobre determinadas temáticas e interpretar as ideias do autor (Rosenfeld, 2011).

Nesta mesma linha, Reis e Lopes (2007) explicam que os personagens não se limitam a entreter e emocionar. Eles também podem ser ferramentas poderosas para explorar temas sociais, políticos e filosóficos. Através de suas histórias e experiências, podemos refletir sobre questões como identidade, justiça, amor, perda, guerra e paz. Ao analisarmos os personagens de uma obra, podemos ter um vislumbre da visão de mundo do autor e da época em que a obra foi escrita. Também podemos aprender sobre diferentes culturas e valores, ampliando nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Em resumo, os personagens são elementos essenciais na construção de uma narrativa rica e envolvente. Através deles, somos transportados para outros mundos, vivenciamos emoções intensas e refletimos sobre a complexa natureza humana.

3 PERSONAGENS DO LIVRO *MAYOMBE*

Em *Mayombe* as personagens são identificadas por seus nomes de combate com codinomes que trazem características marcantes, sendo decisivos para o leitor caracterizá-las. Neste sentido, escolhi três figuras importantes: Teoria, Sem-medo e Ondina.

O primeiro vive o conflito interno gerado por ser filho de pai português e mãe angolana. Teoria, como o nome sugere, é um intelectual que busca ensinar mais que a escrita, busca construir uma identidade coletiva em meio a grupos que estão unidos apenas pela conquista de um território. Teoria representa a busca de uma identidade cultural de Angola. Sem Medo é um dos personagens centrais e protagonista do romance *Mayombe*. Originalmente é chamado de "Esfinge" antes de se juntar a guerrilha, onde ele ganha o nome de "Sem Medo" após resistir sozinho um ataque dos inimigos, por isso no epígrafe ele é retratado como Ogun, simbolizando a coragem e a luta e Ondina é a representação de Angola, porque é apresentada como um objeto de desejo, no ambiente de guerra. A nação está sendo disputada pelos portugueses e pelas diferentes tribos.

3.1 A agonia de Teoria: representação da Angola independente

O livro *Mayombe* possui um narrador onisciente e onipresente, mas em muitas passagens é narrado em primeira pessoa, ou seja, a voz narrativa é dada a um guerrilheiro do Movimento Pela Libertação de Angola (MPLA). Isso ocorre, por exemplo, no capítulo de abertura, "a Missão", no qual o personagem Teoria assume o discurso e apresenta-se: "Eu, O Narrador sou Teoria. Nasci na Gabela, na terra do café. Da Terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português" (Pepetela, 2013, p. 60). Como o próprio personagem-narrador explica, ele é filho de mãe africana e pai português. Neste sentido, sua identidade é marcada pela guerra, pois o que está em jogo é a independência de Angola do jugo português. A posição de Teoria gera inúmeros conflitos, tanto psicológicos quanto sociológicos.

O fato de ser mestiço coloca Teoria em uma posição intermediária, ou seja, não se sente completamente pertencente a nenhum dos dois lados. Vive um "não-pertencimento", pois apesar de lutar por Angola e defender a cor da pele da mãe, os traços culturais advindos pelo estudo produzem conflitos com seus companheiros. A

guerra aflora o lado branco e português do pai ao tentar resgatar valores de pureza étnica e tradição, em um cenário já marcado pelo multiculturalismo. Teoria resume sua condição naquele espaço quando explica: “Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez” (Pepetela, 2013, p. 60).

Ao se identificar com o “talvez”, afirma sua diferença diante dos opostos, demonstra que por não ter a pele escura como os outros, entendia que lutar pela liberdade de sua terra deveria ser uma conquista para a diversidade tribal. Teoria é professor da base e busca conquistar o respeito de seus companheiros. Assim, o personagem simboliza a mistura de etnias, a busca por um saber gregário. Entretanto, para isso abre mão inclusive de seu amor:

Perdi Manuela para ganhar o direito de ser talvez, café com leite, combinação, híbrida, o que quiserem. Os rótulos pouco interessam, os rótulos só servem para os ignorantes que não veem pela coloração qual o líquido encerrado no frasco (Pepetela, 2013. p.146).

Por dedicar-se a luta, Teoria preferiu perder sua amada Manuela para conquistar a liberdade. Não apenas a liberdade colonial, mas a libertação dos preconceitos, pois o personagem acredita que não é a cor da pele que define o homem, mas sua trajetória. Esta visão fica evidente ao analisar a construção de Teoria. Ele vive uma agonia e isso fica claro através de seus questionamentos Ideológicos, de sua racionalidade e de seus sentimentos. Como o próprio nome sugere, Teoria é um intelectual, um professor que constantemente questiona as estratégias, os dogmas e as contradições dentro do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Sua busca por uma compreensão mais profunda da realidade e dos objetivos da luta o coloca em conflito com visões mais simplistas ou autoritárias.

Teoria analisa as situações de forma lógica e racional, o que por vezes o distancia das emoções e dos impulsos dos outros guerrilheiros. Esse distanciamento pode gerar conflitos interpessoais e dificuldades em se integrar completamente ao grupo. Um exemplo disso é quando em meio a batalha, ele escorrega em uma pedra e machuca seu joelho. Tal acontecimento gera uma divisão entre seus companheiros, pois alguns queriam deixá-lo para trás, enquanto outros queriam ajudá-lo. Fizeram votação e decidiram ajudá-lo. Apesar de seus conflitos existenciais, conseguiu conquistar o respeito dos companheiros como na seguinte

passagem: “Teoria era mestiço e hoje já ninguém repara nisso” (Pepetela, 2013, p. 111).

A conquista de sua condição de mestiço dá-se através de sua trajetória dentro da narrativa, porque no início era visto como Outro, mesmo lutando do lado africano. Ocorre que o racismo e tribalismo estavam muito presentes, porque os guerreiros de libertação vinham de diferentes culturas. Sua origem mestiça o torna alvo de desconfiança ou preconceito por parte de alguns guerrilheiros que valorizam uma identidade étnica "pura". Teoria representa uma Angola plural que precisa resolver suas questões internas ao mesmo tempo que luta pela liberdade. Assim, o personagem critica essas divisões internas, porque entende que a pretensa pureza enfraquece a luta por uma Angola unificada.

Neste sentido, a brutalidade e a violência da guerrilha na floresta do Mayombe estão refletidas na agonia do personagem que inserido no contexto, precisa lidar com a morte, o medo e a privação. O que ocorre em Mayombe testa suas convicções e o confronta com a dura realidade da luta armada. Suas ideias e questionamentos nem sempre são bem recebidos pelos outros guerrilheiros, especialmente por aqueles mais pragmáticos ou dogmáticos. Ele entra em debates acalorados e enfrenta resistência às suas análises críticas, pois, se em sua trajetória é um homem estudado que atua como professor, para os homens do movimento, por outro lado, o que ensina foi o aprendido em Portugal. Não havia o interesse propriamente no conhecimento, apenas servia como passa tempo naquele espaço, como se descreve nesse trecho:

Os guerrilheiros, de fora, chamaram Teoria. Estava na hora das aulas. As aulas eram seguidas com pouca atenção. Mas o Comando e o professor insistiam nelas, pois, de qualquer modo, ajudavam a passar o tempo e a esquecer a fome (Pepetela, 2019, p. 128).

Os companheiros não entendiam que Teoria buscava mais que a liberdade de Angola, procurava unir as diferenças em prol de ideias como a alfabetização. A educação de Teoria e seu contato com ideias ocidentais o colocam em conflito com as tradições africanas. Ele questiona a relevância de costumes e crenças ancestrais, mas também sente a necessidade de se conectar com suas origens. Este drama de viver em meio a diversidade cultural, mas ter que unir as diferentes; torna este personagem uma ponte entre a Angola anterior à independência e a posterior nação.

A personagem luta para definir seu lugar no mundo, tanto no contexto da guerra quanto na sociedade futura. Ele questiona o papel do intelectual na luta armada e busca encontrar um sentido para sua existência. Essa mistura de sentimentos gera conflitos internos profundos, pois questiona a ideologia marxista-leninista, que fundamenta a luta armada, buscando uma interpretação mais autêntica e menos dogmática. A dificuldade em conciliar suas diferentes identidades levam Teoria a se sentir isolado e alienado tanto de seus companheiros de luta quanto de sua própria cultura, gerando uma profunda crise existencial, questionando o sentido de sua vida e o papel que desempenha na luta armada. Teoria, na busca de sua identidade, representa a angústia de muitos angolanos em um contexto de profundas transformações sociais e políticas. Assim, é um personagem simbólico, porque nos revela aspectos profundos da realidade quando traz para a narrativa os diversos conflitos, já citados anteriormente, que são também vividos por outros sujeitos.

Deste modo, apesar de ser um personagem ficcional, Teoria guarda vários elementos de similaridade com o autor, pois ambos demonstram uma aguda consciência da diversidade étnica e cultural de Angola. Teoria, como mestiço, sofre com o preconceito e a discriminação, enquanto Pepetela, como intelectual engajado, busca compreender e representar essa complexidade em sua obra. Essa busca é um tema central na obra de Pepetela, que explora a construção da identidade nacional em um país marcado pela colonização e pela luta pela independência.

O personagem aponta para a disputa interna no Movimento Popular pela libertação de Angola porque era composto de diferentes etnias. Diversos grupos formavam esse movimento e eles eram adversários, então juntá-los em torno de um mesmo ideal foi uma tarefa muito difícil. Neste sentido, Teoria foi muito importante nessa trajetória, pois foi o responsável por ensiná-los a lutar pela liberdade, ensinando que por um bem maior é necessário abrir mão de interesses pessoais. Infelizmente, após a libertação de Angola, instalou-se uma das maiores e mais sangrenta guerra civil. O saber não conseguiu apagar as diferenças, apenas suspendeu os conflitos internos. A Guerra Civil Angolana foi um conflito prolongado e violento que marcou a história do país após a sua independência de Portugal em 1975. As divisões étnicas e regionais dentro de Angola ficaram evidentes após a conquista da independência. Cada um dos movimentos de libertação tinha bases de

apoio em diferentes regiões do país, o que intensificou as rivalidades e dificultou a construção de um Estado unificado.

Nesta perspectiva, Teoria possui uma função didática, pois como professor, frequentemente assume o papel de transmitir ideias e conhecimentos aos outros companheiros. Ele pode ser entendido como um personagem *tipo*, pois representa aquele que luta com as ideias, um intelectual que busca compreender a luta armada através de teorias. Sua função de professor conflitua com a prática da luta armada. Assim suas relações com outros personagens, como Sem Medo e o Comissário, revelam facetas de sua personalidade e mostram que ele não é apenas um intelectual abstrato. Essa relação é marcada por tensões e divergências quanto à condução da guerra e às prioridades do movimento. Sem Medo representa a figura do líder carismático e pragmático, enquanto Teoria questiona suas decisões, defendendo uma postura mais ideológica e reflexiva. Apesar dos conflitos, há uma complementaridade entre os dois personagens: Teoria oferece a Sem Medo uma visão mais ampla e crítica da situação, enquanto Sem Medo fornece a Teoria a experiência prática da guerra e a necessidade de tomar decisões difíceis. Através das interações com Sem Medo, Teoria se mostra um personagem mais humano e complexo, capaz de sentir medo, dúvida e angústia, além de demonstrar um forte senso de justiça e de compromisso com a causa.

Teoria em relação ao Comissário representa uma face distinta do movimento revolucionário. O Comissário, mais ligado à política partidária, busca a unidade e a disciplina do grupo, enquanto Teoria questiona a rigidez ideológica e defende a liberdade de pensamento. Teoria utiliza seu conhecimento intelectual para criticar as ações do Comissário e questionar os dogmas do partido. Essa postura o coloca em uma posição de destaque como um intelectual crítico e engajado. As discussões entre Teoria e o Comissário revelam a complexidade do personagem do Comissário, que, apesar de sua rigidez, também demonstra dúvidas e inseguranças.

O trio composto por Teoria, Sem Medo e o Comissário demonstra uma diversidade de modos de lutar com o saber, com a coragem e com a política. Teoria não é apenas um intelectual abstrato, mas um personagem multifacetado e complexo; um intelectual engajado que utiliza seu conhecimento para analisar a realidade e propor soluções para os problemas do movimento. É crítico, pois questiona as autoridades e os dogmas, buscando uma compreensão mais profunda

da situação. Ele participa ativamente da luta armada, arriscando sua vida pela causa, um homem de dúvidas que questiona suas próprias crenças e busca um sentido para a luta. É a representação do intelectual e crítico que luta por uma sociedade mais justa e que busca uma verdade.

3.2 A resistência de Sem Medo: a representação da luta

O Comandante Sem Medo é um personagem apresentado por diferentes narradores. É um dos poucos personagens que não possuem voz. Apesar do uso do discurso direto, a perspectiva é sempre em terceira pessoa, o que permite uma visão mais objetiva do personagem. Cada narrador oferece um ponto de vista particular e revela diferentes facetas de sua personalidade e de sua evolução. Essa multiplicidade de vozes enriquece a narrativa e permite ao leitor construir uma imagem complexa do personagem. Sem Medo evolui de um guerreiro idealizado para um homem que questiona a si mesmo e o mundo ao seu redor.

Sem Medo recebeu esse nome porque certa vez resistiu sozinho a um grupo inimigo que atacava um posto. Esta ação possibilitou que todos saíssem vivos. Era do MPLA (Movimento Pela Libertação de Angola) e enfrentou um inimigo poderoso e bem equipado, operando em um terreno hostil. A base no Mayombe, onde se passam os eventos, era um ponto estratégico e crucial para a resistência. Sem Medo, ao resistir sozinho ao ataque, demonstrou uma coragem que lhe rendeu respeito.

Sem Medo, guerrilheiro de Henda. Antes chamava-se Esfinge, ninguém sabia por quê. Quando foi promovido a chefe de secção. Os guerrilheiros deram-lhe o nome de Sem Medo, por ter resistido sozinho a um grupo inimigo que atacara um posto avançado, o que deu tempo a que a Base fosse evacuada sem perdas. Uma das muitas operações em que rira do inimigo, sobre ele lançado balas, gracejos e insultos (Pepetela, 2013, p. 17).

Sua ação salvou a vida de seus companheiros e serviu de inspiração. Isso fica evidente porque *Sem Medo* passa a ser mais do que um apelido, tornando-se uma representação de sua bravura e determinação. A figura de Sem Medo transcende a sua individualidade e se torna um símbolo da luta pela liberdade. Ele representa o espírito de resistência e sacrifício que caracterizou a geração de angolanos que lutou pela independência do país.

Sem Medo era um guerrilheiro que estudou na Europa e que tinha formação marxista. Procurou colocar em prática no movimento o pensamento socialista. Por ser experiente consegue ter uma visão mais ampla da guerrilha. Sem Medo e Teoria são intelectuais, mas suas experiências e visões sobre a revolução os diferenciam. Sem Medo, tem uma visão da guerrilha, mais pragmática e realista. Ele busca conciliar a teoria revolucionária com as necessidades práticas do combate, valorizando a disciplina, a hierarquia e a eficiência militar. Sua experiência na Europa o torna um observador crítico da realidade angolana, e ele busca aplicar os conhecimentos adquiridos para transformar a sociedade. Teoria, por sua vez, é um intelectual mais jovem e idealista. Sua formação teórica é sólida, mas sua experiência prática na luta é limitada. Ele é um defensor ferrenho dos princípios revolucionários e busca uma transformação radical da sociedade. No entanto, sua visão é muitas vezes mais abstrata e menos conectada com a realidade da luta armada. Teoria tende a idealizar a revolução e a subestimar as dificuldades e os desafios que ela implica. O contraponto entre Sem Medo e Teoria reside justamente nessa diferença de perspectiva. Sem Medo representa a necessidade de adaptar a teoria à prática, enquanto Teoria representa a importância de manter a pureza dos ideais revolucionários. Essa tensão entre o pragmatismo e o idealismo é uma das principais forças motrizes da narrativa de *Mayombe*.

A trajetória de Sem Medo é marcada por intensos conflitos, tanto no seu interior quanto nas suas relações com o mundo ao seu redor. Tem conflitos internos como momentos de dúvidas em relação às estratégias da guerrilha e ao futuro de Angola após a independência. Ele questiona as tensões tribais e a possibilidade de uma unidade nacional duradoura, pois sendo da tribo Kikongo, trazia em seu interior diferenças que são superadas por ter estudado fora de Angola, mas como seus camaradas não tiveram a mesma oportunidade, acreditava ser difícil vencer o tribalismo. Essa introspecção o distancia da figura idealizada do herói invencível, revelando sua humanidade. A relação complexa com o Comissário Político reflete um conflito ideológico latente. Sem Medo, com sua visão mais pragmática da luta, por vezes se contrapõe ao idealismo doutrinário do Comissário. Essa tensão se intensifica com a disputa pelo afeto de Ondina, causando no personagem um sentimento de culpa.

Sem Medo também enfrenta em sua trajetória conflitos externos sendo o mais evidente a guerrilha contra o exército colonial português. Ele está na linha de frente desse combate, liderando os guerrilheiros em diversas operações e enfrentando o perigo constante da repressão e da violência do inimigo. Enfrenta tensões e rivalidades entre as diferentes etnias representadas pelos guerrilheiros. Sem Medo se esforça para superar essas divisões e promover a unidade em prol da causa comum, mas enfrenta a desconfiança e os preconceitos tribais. As discussões ideológicas e a disputa pela liderança também fazem parte do conflito enfrentado pelo Sem Medo com o Comissário, outro personagem do livro, que comandava a guerrilha. Essa rivalidade se manifesta em discussões acaloradas e em diferentes visões sobre a condução da luta e o futuro de Angola

Seu papel termina quando encerra o conflito. Morre lutando pela liberdade e mistura seu sangue à floresta que o acolheu. Sua morte transcende, tornando-se acontecimento simbólico. A descrição da morte não dá ênfase a luta, mas ao processo de fusão com a natureza e com a luta pela liberdade. "Mas a vida de Sem Medo esvaía-se para o solo do Mayombe, misturando-se às folhas em decomposição" (Pepetela, 2013, p. 243). Ao ter seu sangue misturado ao solo do Mayombe, ele se torna parte integrante da floresta que o acolheu, simbolizando uma espécie de renascimento e imortalidade. Cumpre uma função de sacrifício em prol da independência e da liberdade. Sua morte é a garantia da vitória de seus companheiros e da libertação de seu povo.

Ao ter seu sangue misturado à terra, Sem Medo se torna parte da própria terra, de Angola, daquilo pelo qual lutou. Neste sentido, há uma conexão profunda entre o homem e sua pátria. A morte de Sem Medo eleva sua figura ao status de herói, de mártir da luta pela independência. Seu nome se torna um símbolo de resistência e coragem, representando o encerramento de um ciclo e o início de um novo. Ele encontra a paz e a realização em sua luta, deixando um legado para as futuras gerações.

3.3 A desejada Ondina: representação de Angola

Ondina é uma personagem feminina central que se destaca no ambiente predominantemente masculino e militarizado. É a única personagem do livro que tem um capítulo em seu nome. É apresentada sempre por um narrador em terceira pessoa onisciente, mas em alguns momentos o leitor tem acesso aos pensamentos e sentimentos de Ondina de forma direta, como se o narrador focalizasse brevemente em sua perspectiva. No entanto, a apresentação geral da personagem e de sua trajetória ocorre através dessa voz narrativa em terceira pessoa um discurso direto, que conhece os interiores de diversos personagens.

Há mulheres que podem ser conhecidas do exterior, as atitudes correspondendo à maneira de ser. Outra só podem ser estudadas na intimidade, no modo como se entregam, quais os centros de prazer, quais as defesas que se forjam. Ondina era uma destas últimas... (Pepetela, 2013, p. 91).

As características e o comportamento de Ondina são descritos por diferentes narradores, mas suas ideias, desejos, inquietações surgem nos diálogos em que sua voz aparece com outros personagens. A trajetória de Ondina é marcada por conflitos internos e externos que refletem sua posição como mulher em um ambiente de guerra e as complexidades de suas relações pessoais. Sente uma forte atração por Sem Medo, um homem carismático e admirado no grupo. No entanto, ela está noiva do Comissário Político. Esse conflito interno entre o desejo e o seu compromisso com o Comissário gera uma tensão constante em suas emoções e ações.

Ela se debate entre o que sente e o que é esperado dela dentro daquele contexto. O ambiente predominantemente masculino e focado na luta armada, faz de Ondina uma ilha em meio a uma floresta de guerreiros. O que marca sua identidade é a solidão e o isolamento. Suas necessidades e perspectivas como mulher não são compreendidas ou priorizadas. Ela precisa encontrar seu próprio espaço, sua voz em meio à dinâmica da guerrilha. O envolvimento sexual com André, primo do seu noivo, gera um conflito moral significativo para Ondina. Ela lida com sentimento de culpa, remorso e a consciência de ter transgredido as normas sociais e afetivas dentro do grupo. Ela demonstra certa busca por autonomia em um ambiente onde as decisões são frequentemente tomadas por líderes masculinos. Ondina tenta afirmar suas próprias escolhas e desejos, mesmo que isso a coloque em situações delicadas.

Sua beleza, ressaltada por diferentes narradores, coloca-a como objeto de desejo, especialmente Sem Medo e o Comissário. Ondina encontra-se no centro de uma disputa de poder e rivalidade masculina, limitando sua liberdade e a expondo a tensões constantes. Isso pode caracterizá-la como a própria nação que está sendo disputada e que é o desejo de várias tribos.

A dinâmica de poder entre Ondina e o Comissário dentro do relacionamento, influenciada pela posição de liderança do Comissário pode remeter à relação entre Portugal e Angola. Os conflitos e frustrações de Ondina e a atração mútua com Sem Medo cria um conflito externo constante e remete à luta pela independência. A relação entre eles é permeada por olhares, conversas carregadas de significado e a consciência de um desejo proibido. Essa tensão afeta a dinâmica entre os três personagens principais. O relacionamento com André é outro conflito que traz consequências diretas para Ondina, como o risco de ser descoberta e as possíveis repercussões dentro do grupo, onde as relações interpessoais são intensas e as normas, mesmo que não ditas, existem. A vivência em um ambiente de guerra, com a constante ameaça de ataques, a escassez de recursos e a violência, é a luta para Ondina. Ela precisa se adaptar a essa realidade dura e encontrar formas de sobreviver física e emocionalmente.

Ondina representa uma voz feminina em um universo predominantemente masculino, o da luta armada. Ela desafia os papéis de gênero tradicionais, questionando a submissão da mulher e exigindo igualdade. Com sua formação e conhecimento, assim trazendo uma perspectiva diferente para o grupo de guerrilheiros. Ela representa a intelectualidade e a capacidade de reflexão, contrastando com a brutalidade da guerra.

Ondina é um catalisador de transformações nos homens com quem convive. Seus questionamentos e sua força de caráter levam os guerrilheiros a refletir sobre seus valores e atitudes. Apesar de sua importância, Ondina é uma personagem silenciada na narrativa. Sua voz não é diretamente apresentada, o que pode ser interpretado como uma crítica à invisibilização da mulher na luta armada e na sociedade em geral. Ela desempenha um papel fundamental na vida do Comissário e na dinâmica da base. Essa personagem representa um elo entre o mundo exterior e a vida na guerrilha, trazendo consigo valores e perspectivas diferentes. Traz consigo os valores da civilização. Ela representa a educação, a cultura e a busca por

um futuro mais justo e pacífico. Sua presença na base guerrilheira serve como um lembrete da importância de preservar a humanidade, mesmo em meio à luta.

Ondina traz consigo o amor e a necessidade de conexão humana. Seu relacionamento com o Comissário contrasta com a rigidez e o desrespeito que podem surgir em um ambiente militarizado. Ela representa a importância das emoções e das relações afetivas, elementos que podem ser esquecidos na luta pela sobrevivência.

Ondina representa muito mais do que apenas uma mulher apaixonada em meio à luta armada. Ela é um símbolo da transformação, da modernidade e da luta por igualdade em um contexto histórico e social turbulento, atribuindo a ela uma simbologia profunda, que a torna um ícone da transformação, da modernidade e da luta por igualdade em um contexto histórico e social conturbado.

Ondina é retratada como uma mulher intelectualizada, com uma visão de mundo mais ampla do que a maioria dos guerrilheiros. Sua educação e experiências a tornam uma figura destoante no ambiente masculino e militarizado da base. A presença de Ondina provoca uma espécie de "choque cultural" entre os guerrilheiros, desafiando suas concepções tradicionais sobre a mulher e o seu papel na luta. Ela questiona os valores estabelecidos e impulsiona uma reflexão sobre a necessidade de mudança.

Ondina representa a modernidade que tenta se infiltrar na realidade da luta armada. Simbolizando a necessidade de mudança e transformação dentro do movimento de libertação. Ela representa a esperança de um futuro mais justo e igualitário, onde os valores humanos e a liberdade individual sejam priorizados

Seus ideais e comportamentos contrastam com as práticas mais tradicionais e arcaicas dos guerrilheiros. Como mencionado, apesar de sua importância para a narrativa, Ondina é uma personagem silenciada. Sua voz não é ouvida, e sua perspectiva não é explorada em profundidade. Essa ausência de voz reflete a subordinação feminina em um contexto histórico marcado pela luta pela independência. A personagem levanta questões importantes sobre a desigualdade de gênero na luta pela independência de Angola. Sua presença na narrativa serve como um lembrete de que a luta por libertação nacional não pode ser dissociada da luta por igualdade entre homens e mulheres.

Do ponto de vista psicológico, Ondina possui sentimentos ambivalentes em relação ao movimento de libertação e sua relação com os outros personagens revelam uma personalidade complexa e contraditória. Essa ambivalência é fruto de diversos fatores: Ondina é profundamente apaixonada pelo Comissário Político, mas suas convicções ideológicas e a realidade da luta armada a colocam em um dilema constante; a necessidade de escolher entre o amor e a revolução gera em Ondina um sofrimento intenso e uma série de dúvidas; como mulher em um contexto de guerra, Ondina se vê limitada em suas ações e aspirações. Ela deseja participar ativamente da luta, mas enfrenta obstáculos e preconceitos. Essa situação gera em Ondina sentimento de frustração, revolta e desejo de autonomia, apresentando uma dualidade entre a mulher apaixonada e a mulher revolucionária; uma mulher apaixonada, que busca afeto e companheirismo, e uma mulher revolucionária, que deseja contribuir para a construção de uma nova sociedade. Essa dualidade a torna uma personagem complexa e contraditória, pois ela luta para conciliar esses dois aspectos de sua personalidade. Sua construção complexa permite que o leitor a veja como símbolo de luta e opressão, tanto em relação a sua condição de mulher como de africana, ao mesmo tempo em que a identifica como um indivíduo com suas próprias dores, desejos e contradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considera-se que o personagem na literatura é um campo vasto e complexo, e as perspectivas de Anatol Rosenfeld, Carlos Reis e Beth Brait oferecem contribuições significativas para a compreensão desse elemento fundamental da ficção. Embora cada autor tenha sua própria abordagem, há um entendimento comum da personagem como uma construção ficcional que transcende a mera imitação do real. Rosenfeld (2011) foca na autonomia estética da personagem e em sua função primordial na geração de conflito e no desenvolvimento do enredo, especialmente no drama. Ele nos lembra que a personagem é um artifício artístico que revela a complexidade da experiência humana de forma condensada e exemplar. Já Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (2007) ampliam essa visão ao explorar a dinâmica e a "sobrevida" da personagem para além da obra original. Eles nos convidam a pensar na personagem como um conceito que se transforma e se recontextualiza, interagindo com o imaginário coletivo e com outras narrativas. Beth Brait (2006) aprofunda a análise da personagem sob a ótica da linguagem e do discurso, ressaltando que ela é uma entidade verbal e um lugar de representações sociais. Sua perspectiva nos lembra que a personagem é inseparável da forma como é construída e do contexto discursivo em que está inserida. Assim os três autores convergem na ideia de que a personagem é muito mais do que um mero "espelho" da realidade. Ela é um ente ficcional complexo, moldado pela linguagem e pela estrutura narrativa, que desempenha um papel crucial na construção de sentidos, na exploração de conflitos e na representação (e reinterpretação) da experiência humana em seus vários aspectos. A personagem, sob essas perspectivas, é um ponto de encontro entre a criação artística, a linguagem e o universo cultural.

Assim pode se constatar que o romance *Mayombe*, de Pepetela, é uma obra rica em simbolismo e complexidade, e seus personagens são pilares centrais para a compreensão das tensões e desafios da luta pela independência de Angola. Teoria, Sem Medo e Ondina representam diferentes aspectos dessa jornada, assimilando ideologias, virtudes e dilemas que ecoam a realidade vivida pelo MPLA na mata.

O personagem Teoria é a personificação do intelectualismo e do rigor ideológico. Sua principal característica é a adesão inflexível aos princípios socialistas. Ele acredita firmemente que a teoria deve guiar a prática, e sua retórica é marcada pela busca de uma pureza ideológica que, muitas vezes, se choca com a

realidade e a prática do dia a dia na guerrilha. Suas ponderações são essenciais para o debate interno do grupo sobre os rumos da revolução. Teoria representa a necessidade de uma estrutura ideológica, mas também aponta para o perigo do dogmatismo, que pode levar à cegueira para as realidades locais e para a diversidade de pensamento. Ele simboliza a eterna tensão entre a teoria e a prática, entre o ideal e o real.

O segundo personagem estudado é Sem Medo que em muitos aspectos é o líder natural e o herói pragmático da narrativa. Ele é o comandante do destacamento e personifica a coragem, a capacidade de decisão e um profundo senso de justiça. Seu apelido já revela sua principal característica, mas ele também demonstra uma inteligência prática notável, conseguindo conciliar diferentes personalidades e visões dentro do grupo, representando a figura do líder que, embora ideologicamente alinhado, não se prende a dogmas e busca soluções eficazes para os problemas concretos. Ele é admirado e respeitado por seus homens, e sua liderança é crucial para a coesão do grupo em um ambiente hostil. Sua morte, um golpe duro para o destacamento, simboliza a perda de um pilar fundamental da luta, alguém capaz de inspirar e guiar seus companheiros. Ele assume a esperança e a resiliência necessárias para a vitória, mas também a vulnerabilidade da liderança em tempos de guerra.

A terceira personagem estudada é Ondina. Embora não seja uma combatente direta na mesma proporção que os homens, desempenha um papel fundamental na trama e no simbolismo de *Mayombe*. Ela é a presença feminina na guerrilha, e sua relação com Sem Medo e a forma como é vista pelos outros guerrilheiros levantam questões sobre o papel da mulher na revolução e na sociedade angolana pós-independência.

Ondina pode ser interpretada como a "nova Angola" ou o futuro da nação, pois com suas atitudes "transgressoras" representa seu país que está se libertando do colonialismo e buscando uma nova identidade, rompendo com o passado e suas amarras. Sua posição também revela as tensões de gênero e as expectativas em relação à mulher nesse contexto. Ela é objeto de desejo, mas também de preocupação e proteção, refletindo a complexidade de seu papel social e sexual. Ondina, portanto, não é apenas uma personagem, mas um símbolo da nação em gestação, com todas as suas promessas e desafios.

A interação e os destinos desses personagens refletem as próprias incertezas e os sacrifícios da revolução angolana. Através deles, Pepetela humaniza a história, mostrando que, por trás dos ideais e da luta armada, havia homens e mulheres com suas próprias esperanças, medos, paixões e dilemas, moldando o destino de uma nação. A complexidade desses personagens é o que torna *Mayombe* uma obra tão relevante que transcende o tempo.

REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 2006.

CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. **A Personagem de Ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CHAVES, Rita. Mayombe: Um Romance contra correntes. In: CHAVES, Rita; MACEDO, Tânia (org.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê, 2009.

LOFF, Manuel; FERREIRA, Ana Sofia; CAMELO, João. Da descolonização ao Pós-colonialismo: perspectivas pluridisciplinares. Porto: Universidade do Porto, 2015. Disponível em: https://1library.org/document/yd2n9meq-da-descolonizacao-ao-pos-colonialismo.html#google_vignette. Acesso em: 20 mar. 2025.

PEPETELA. **A Geração da Utopia**. São Paulo: LeYa, 2013.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.

PEPETELA. **Mayombe**. 2. ed. São Paulo: LeYa, 2019.

PEPETELA. **Mayombe**. 5. ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina Macario. **Dicionário de Narratologia**. Coimbra: Almedina, 2007.

Resumo de Mayombe de Pepetela + análise literária. In: BEDUKA. Disponível em: <https://beduka.com/blog/materiais/literatura/resumo-e-analise-da-obra-mayombe/>. Acesso em: 25 mar. 2025.